



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Projeto piloto de Comunicação Ambiental dissemina práticas sustentáveis do Pantanal nas ondas do rádio

Bárbara Cunha Ferragini¹
Allison Ischy²

Resumo: O trabalho apresenta o processo de planejamento, produção e implementação do projeto piloto de comunicação ambiental do Instituto SOS Pantanal, o Prosa Pantaneira, que se refere a uma série de programas radiofônicos. O objetivo é disseminar, através das ondas do rádio, informações de utilidade pública para a população pantaneira, que vive na região da Bacia do Alto Paraguai (BAP), especialmente em relação a iniciativas sustentáveis (boas práticas), identificadas pela Expedição Pantanal 2011, que geram renda, economia, ajudam a conservar o bioma e ainda mantêm viva a tradição e cultura do povo que habita o Pantanal.

Palavras-Chave: pantanal; boas práticas; comunicação ambiental; rádio; sustentabilidade.

Introdução

Desde o começo dos tempos águas e chão se amam.
Eles se entram amorosamente
E se fecundam.
Nascem formas rudimentares de seres e de plantas
Filhos dessa fecundação.
Nascem peixes para habitar os rios
E nascem pássaros para habitar as árvores.
Águas ainda ajudam na formação das
Conchas e dos caranguejos.
As águas são a epifania da Natureza.
Agora penso nas águas do Pantanal
Nos nossos rios infantis
Que ainda procuram declives para correr.
Porque as águas deste lugar ainda são espriadas
Para o alvoroço dos pássaros.
Prezo os espriados destas águas com as suas
Beijadas garças.

1 Jornalista, Assistente de Comunicação do Instituto SOS Pantanal, barbaracFerragini@gmail.com.

2 Jornalista, Coordenador do projeto Prosa Pantaneira, do Instituto SOS Pantanal, ecojornalistapantanal@gmail.com.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Nossos rios precisam de idade ainda para formar
Os seus barrancos
Para pousar em seus leitos.
Penso com humildade que fui convidado para o
Banquete destas águas.
Porque sou de bugre.
Porque sou de brejo.
Acho que as águas iniciam os pássaros
Acho que as águas iniciam os homens. Nos iniciam.
E nos alimentam e nos dessedentam.
Louvo esta fonte de todos os seres, de todas as
Plantas, de todas as pedras.
Louvo as natências do homem do pantanal.
Todos somos devedores destas águas.
Somos todos começos de brejos e de rãs.
E a fala dos nossos vaqueiros tem consoante
Líquidas
E carrega de umidez as suas palavras.
Penso que os homens deste lugar
São a continuação destas águas.

ÁGUAS

De Manoel de Barros³

Dotado de sensibilidade, o poeta sul mato-grossense Manoel de Barros, define nestes versos a razão de existência e decifra os mecanismos complexos de funcionamento do Pantanal na linguagem própria da gente desta região. Conhecidos como pantaneiros, os habitantes deste bioma desenvolveram estratégias para a sobrevivência em um local inóspito e, sobretudo, adquiriram saberes empíricos ao observar e tentar compreender a natureza, que lhes garantem até os dias atuais, vida e geração de renda.

Estamos falando da maior planície alagável de água doce do planeta⁴, título concedido pela Convenção de Ramsar, reconhecida como Patrimônio Nacional pela Constituição do Brasil, e Patrimônio Natural da Humanidade pela União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a

³ Poema de Manoel de Barros, disponível em: <http://www.planetapantanal.com/o_pantanal.php?id=62> Acesso em: 03/06/13.

⁴ Embora existam divergências numéricas quanto à extensão do Pantanal, tem-se que são mais de 210 mil quilômetros quadrados (70% no Brasil, 20% na Bolívia e 10% no Paraguai). Informação retirada do site <http://www.planetapantanal.com/o_pantanal.php?id=67> Acesso em 03/06/13.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enja.com.br>

Cultura (Unesco).

Uma das características singulares desse complexo é o regime de alternância de cheias e secas e a relação entre a parte alta da bacia - planalto e a parte baixa, a planície. A diferença de declividade faz com que as águas do planalto, quando transbordam, cheguem até à planície, e mesmo em períodos de seca, é possível observar planícies com água.

Toda essa dinâmica é responsável pela diversidade de fauna e flora na região, além de tornar o Pantanal abrigo, principalmente de aves aquáticas e espécies migratórias, que se refugiam no ambiente, se alimentam, reproduzem e seguem suas rotas.

Adaptar-se aos períodos de cheia e seca não é tão fácil quanto parece. São dois extremos com consequências não só para a fauna e a flora, mas principalmente para os povos que lá habitam.

Observar a natureza, um princípio básico dos pesquisadores, pensadores e cientistas foi também essencial aos povos do Pantanal, cujos achados arqueológicos encontrados no município de Ladário, em Mato Grosso do Sul, remontam 8.200 anos (CPRM, 2010)⁵. Embora seja necessário investir em mais pesquisas para desvendar quando surgiram os primeiros habitantes do Pantanal, há suspeitas de que os humanos tenham vivido na região há pelo menos 10 mil anos, quando houve a última grande glaciação ou Era do Gelo. Sobre as evidências já encontradas pelo Laboratório de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, pode-se afirmar que os antigos habitantes se estabeleceram nas cordilheiras e capões, partes mais altas do Pantanal, e viviam em bandos de 20 a 30 pessoas, caracterizando-se como caçadores, pescadores e coletores.

Estudar e compreender como os pantaneiros, hoje acrescentados em sua genética com a influência europeia e de outras regiões do Brasil, Bolívia e Paraguai, é tentar evitar a perda de conhecimentos que permitiram a adaptação, a continuidade da vida e o desenvolvimento humano em um ambiente ciclicamente influenciado por drásticas mudanças, possivelmente desde a última glaciação do planeta, e hoje regido pela cheia e seca anuais, o pulsar de inundação dos rios da Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai (BAP).

Talvez haja um paradigma de maior valor na ideia de preservar e conservar o modo de ser e

⁵ Informação obtida no site <http://www.cprm.gov.br/publique/media/dossie_bodoquena_portugues_unesco.pdf>. Companhia De Pesquisa De Recursos Minerais – Serviço Geológico Do Brasil/CPRM.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

de viver dos habitantes do Pantanal. Além do fato de ser uma região de exuberante beleza e biodiversidade, a planície do bioma mantém intactos 86,2% de sua cobertura vegetal nativa, enquanto que nos planaltos, onde a inundação das águas não chega, mas cujas chuvas correm para alimentar a planície, apenas 40,7% da cobertura vegetal é original. Os dados foram revelados pelo estudo ‘Monitoramento das alterações da cobertura vegetal e uso do solo na Bacia do Alto Paraguai (BAP) - porção brasileira (2008 – 2010)’, realizado pela Embrapa Pantanal e pelas organizações não-governamentais (ONGs) Conservação Internacional, Fundação Avina, Instituto SOS Pantanal e WWF-Brasil, com apoio da Ecoa, SOS Mata Atlântica e empresa Arc Plan⁶.

Entender como essa gente obteve tudo que precisou, gerando e cuidando de seus descendentes, obtendo alimentos, remédios, matérias-primas para suas casas, conseguindo riquezas materiais, e também as da alma, e o desenvolvimento de diferentes culturas, é também registrar um modelo, um bom exemplo de viver. A pecuária com gado indiano, por exemplo, foi introduzido após a colonização e se adaptou muito bem ao ciclo de cheia e seca na planície, resultando num tipo de gado praticamente orgânico, que necessita de poucas modificações para obter a certificação.

Diferente de outros modelos de desenvolvimento, no Pantanal, os sistemas produtivos e o modo de ser e de viver de seus povos pouco alterou as paisagens. Pelo contrário, parece que os povos se beneficiaram do complexo funcionamento dos ecossistemas para gerar tudo o que necessitam.

Pela sua atividade os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função de suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção destes objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolve-se a ciência e a arte (LEONTIEV, 1978, p. 265).

O povo pantaneiro é a evidência da capacidade de adaptação e evolução humana. Seus conhecimentos são objeto de estudos de pesquisadores como a sociolinguista Albana Xavier Nogueira, que apresenta a proposta de cuidar e preservar além do conjunto ecológico presente no

⁶ Dados obtidos no site <<http://www.sospantanal.org.br/arquivos/sumario-executivo-web.pdf>> Acesso em: 03/06/13.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Pantanal, a natureza das pessoas que nele vivem.

Desconhecer ou não dar importância à atuação do homem pantaneiro, sobre seu sistema ecológico, ou melhor, não levar em consideração suas experiências culturais, baseadas na observação dos fenômenos naturais, significa ignorar o que há de mais fundamental na vida desse ecossistema, uma vez, que as práticas sociais são produto da 'visão de mundo' do homem dos pantanais da sua maneira de codificar o universo natural, criando, a partir daí, seu próprio universo cultural (NOGUEIRA, 2002, p.30).

Na percepção da autora, viver no Pantanal exigiu sensibilidade e criatividade para retirar do ambiente mais do que o sustento necessário. O convívio íntimo com a natureza fez com que o pantaneiro “[...] pudesse ser capaz de fazer leituras, captar sutis transformações da natureza ao seu redor, bem como desenvolver saberes fundamentais para sua sobrevivência na região, muitas vezes isolada dos núcleos urbanos” (NOGUEIRA apud CASTELNOU et al., 2003, p.57).

Na delicada, sistêmica e complexa ópera das águas do Pantanal, são regidas as vidas das plantas, dos animais e dos humanos. Todos os habitantes tiveram de aprender a viver durante até oito meses do ano em um mundo das águas, e até quatro meses em um mundo de seca. Talvez seja por isso que circula um dito popular de que no Pantanal tudo é regido pelas águas.

Geração de informações por um Pantanal sustentável

Diante desse ambiente rico em cultura, práticas sociais e natureza plena, e principalmente, após a constatação de que a planície do bioma está praticamente intacta, mesmo com ocupação humana, exploração econômica (pecuária, pesca, extrativismo, mineração, turismo, etc.), surge a curiosidade e a necessidade de compreender os motivos que garantiram que essa região estivesse tão conservada até os dias atuais.

E foi esse um dos questionamentos do Instituto Socioambiental da Bacia do Alto Paraguai - SOS Pantanal – uma das organizações que realizou o citado mapeamento da cobertura vegetal da



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Bacia do Alto Paraguai⁷. Trata-se de uma organização não governamental privada, sem vínculos partidários ou religiosos e sem fins lucrativos, criada em julho de 2009, com a missão de informar e promover o diálogo para um Pantanal sustentável.

A entidade, composta por representantes dos diversos setores da sociedade pantaneira, atua a partir de uma agenda positiva, na gestão do conhecimento⁸ e na disseminação de informações, em uma linguagem clara e simples, para governos, formadores de opinião, grandes empreendimentos, produtores rurais, habitantes da região e população em geral, para sensibilizar e desencadear impactos positivos para estimular a conservação do bioma.

Apesar do alto grau de degradação do planalto da Bacia do Alto Paraguai, a notícia de que o Pantanal está bem conservado, em comparação com outros biomas, também levou o Instituto SOS Pantanal a refletir sobre os fatores que colaboraram para esta realidade.

Para encontrar essa resposta, após o mapeamento, em 2011, o Instituto apostou na Expedição Pantanal, uma proposta ousada que resultou no percurso de 14 mil quilômetros da maior planície alagável do mundo, nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A equipe de campo, composta por quatro profissionais, visitou e entrevistou proprietários rurais, integrantes de comunidades, representantes de organizações do terceiro setor, dos poderes públicos e de instituições de pesquisa, no intuito de criar uma agenda positiva, valorizando os esforços que os moradores locais fazem para se manterem viáveis e sustentáveis simultaneamente.

O principal diferencial da expedição⁹ foi qualificar as atividades sustentáveis no Pantanal por meio da participação de pessoas ou instituições considerando a técnica da percepção tanto de quem conduz a atividade, como pelos aplicadores da metodologia. Para isso, a técnica utilizada foi a

⁷ O mapeamento foi o primeiro produto realizado pelo Instituto SOS Pantanal. O documento está disponível em: <<http://www.sospantanal.org.br/arquivos/sumario-executivo-web.pdf>>. Acesso em 03/06/13.

⁸ Entre os projetos realizados pelo SOS Pantanal estão o Mapeamento da cobertura vegetal da Bacia do Alto Paraguai (BAP), realizado em 2008; Expedição Pantanal (2011) e seus desdobramentos – Exposição O Pantanal é Aqui (anual desde 2012) e o Programa Prosa Pantaneira (2013).

⁹ De 10 de julho a 9 de dezembro de 2011, foram visitadas 91 iniciativas, sendo 41 atividade e 50 instituições, além de 150 pessoas entrevistadas. Nos 94 dias de viagens a equipe percorreu 14.571 quilômetros de nove rotas, consumindo 1.320 litros de diesel, sem acidente registrado durante a expedição. O relatório técnico da Expedição Pantanal 2011 está disponível em: <http://www.sospantanal.org.br/arquivos/EXP_RelatorioTecnico_EXP2011_site.pdf> Acesso em: 10/03/2013.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

da observação participante, com foco na percepção socioambiental, que considerou os princípios e fundamentos da sustentabilidade, tendo como base o conceito teórico de desenvolvimento sustentável, do Relatório Brundtland ‘Nosso Futuro Comum’, de 1987: “aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de gerações futuras atenderem suas próprias necessidades” (CMMD, 1988) e também o pressuposto do tripé da sustentabilidade, termo de origem corporativa que indica a necessidade de contemplar as dimensões econômicas, ambientais e sociais para alcançar o conceito de sustentabilidade.

Faz-se necessário ressaltar que a metodologia¹⁰ em questão foi desenvolvida especificamente e exclusivamente para esta expedição, tendo sido objeto de teste prévio e de ajustes, antes da aplicação em campo. O foco principal foi possibilitar a identificação com a participação dos envolvidos, verificando a importância da questão da sustentabilidade e como os entrevistados respondem as demandas deste tema na região.

O levantamento inicial definiu quatro eixos, para as atividades de Pecuária, Turismo e Produtos da Sociobiodiversidade, que existem no Pantanal, nos quais foram considerados os seguintes aspectos:

- a) Produção e consumo – materiais de construção, alimentos, produção, inovações;
- b) Gestão de recursos naturais – resíduos sólidos, vegetação, fauna;
- c) Desenvolvimento local – social e cultural, saúde e educação, saneamento, aspectos econômicos, infraestrutura;
- d) Cooperação e parcerias – participação, cooperação, intercâmbio, capacitação. .

A partir de tais aspectos, os profissionais partiram para as visitas sociais em 91 localidades no Pantanal (propriedades rurais, instituições de pesquisa, associações, poder público, etc.) no intuito de estreitar o laço com os nativos do Pantanal. Com o auxílio de quatro formulários estruturados, desenvolvidos por uma empresa de consultoria socioambiental, cada um com um

¹⁰O Guia Metodológico completo está disponível no link: <www.sospantanal.org.br/downloads> Acesso em 10/03/2013.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

objetivo específico, iniciavam as entrevistas livres, de modo que o pantaneiro se sentisse à vontade, como em uma prosa entre amigos. Quando permitido pelo entrevistado, os depoimentos eram gravados.

Os dados levantados nas 11 diferentes formações do Pantanal nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul permitiram uma leitura inicial do estado da arte da Sustentabilidade no bioma e, a partir disso, formar indicadores iniciais para a valorização e disseminação de práticas positivas e replicáveis, apoiando o planejamento das instituições que atuam na região e orientando políticas públicas em todas as esferas que atuam na Bacia do Alto Paraguai (BAP).

Com o fim da Expedição, os dados colhidos foram tratados e qualificados e, em seguida, apresentados em seminários com produtores, instituições de pesquisa, órgãos públicos e organizações visitadas. Por meio dos debates participativos, os entrevistados contribuíram novamente validando os dados antes da publicação do relatório final da Expedição Pantanal.

Conforme informou a diretora-executiva do Instituto SOS Pantanal, Lucila Egydio, que também participou da equipe de campo da Expedição Pantanal 2011, pelo fato de não haver uma amostra estratificada, as boas práticas¹¹ identificadas nas visitas foram tratadas como estudos de caso. “A partir dos seminários, ficou convencionado, em consenso, que o termo ‘boas práticas’ contemplaria as ações ou iniciativas que foram mais pontuadas de acordo com a metodologia da Expedição, e dentre elas, foram selecionadas aquelas adotadas com maior frequência nos locais visitados ou ainda as consideradas inéditas, desde que alinhadas ao conceito de sustentabilidade”, explica Egydio.

Para comunicar e disseminar as iniciativas sustentáveis dos pantaneiros, o Instituto utilizou-se de publicações como o Relatório Técnico, manuais (cartilhas) contendo informações sobre cada prática diagnosticada e conteúdos audiovisuais. Em 2012, como um dos desdobramentos da Expedição Pantanal 2011, surgiu a exposição itinerante ‘*O Pantanal é Aqui*’, realizada em Campo

¹¹ Para efeito desse trabalho, foi adotado como conceito de boas práticas as ações ou iniciativas consideradas sustentáveis, segundo metodologia de percepção socioambiental, que foram identificadas durante a Expedição Pantanal 2011. Tais iniciativas além de colaborar com a conservação do bioma Pantanal, geram renda, reduzem os gastos, entre outros benefícios.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enja.com.br>

Grande (MS) e em Cuiabá (MT). A mostra levou informações sobre o funcionamento dos ciclos de cheia e seca, a cultura e sobre as boas práticas sustentáveis da região.

Mas a equipe do Instituto SOS Pantanal buscava mais, almejava que as iniciativas sustentáveis identificadas durante a Expedição fossem disseminadas a todos os moradores da região pantaneira, a fim de espalhar informações positivas que pudessem colaborar com o cenário de conservação, ajudar na geração de renda, de trabalho, na economia de recursos, entre outros. Foi aí que surgiu a ideia do programa radiofônico Prosa Pantaneira, que desde o início de 2013 está sendo produzido, distribuído e veiculado por radioemissoras comerciais, comunitárias e educativas da Bacia do Alto Paraguai (BAP), em território brasileiro, ampliando a capacidade das populações locais conhecerem as boas práticas do Pantanal e replicá-las.

Natureza conservada, consciência preservada pelas ondas do rádio

No Pantanal, o meio de comunicação mais democrático e acessível ainda é o rádio, que por sua vez é a base para a transmissão de sinais da telecomunicação, internet e até mesmo dos satélites que orbitam a Terra. Mais do que um instrumento técnico, o rádio é “uma tecnologia que surge, trazendo em si promessas, discursos, potencialidades, projetos, esquemas imaginários, implicações sociais e culturais” (BIANCO, 2004, p. 317).

Em algumas localidades, o veículo se configura com forte caráter de utilidade pública, apresentando programas que transmitem recados ou informes para as comunidades mais distantes dos centros urbanos, como o *Alô Pantanal*, em Corumbá (MS). Entretanto, existem regiões onde não existe emissora de rádio, como em San Carlos del Apa, na sub-bacia do rio Apa, extremo sul do Pantanal, no Paraguai. Na referida localidade, tampouco existem operadoras de telefonia celular. Há apenas um orelhão, que nem sempre funciona. Para se ter uma ideia, o ‘moto-recado’ é a opção mais rápida e eficiente para enviar e receber informações.

Por conta da distância dos grandes centros urbanos, o rádio se torna um instrumento que ajuda a romper as distâncias geográficas, reduzindo a espera por notícias, independente da época e



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

das condições ambientais. No barco, em casa, no trabalho ou na hora das refeições, o pantaneiro se informa e se atualiza com as informações que recebe pelo rádio.

As televisões são comuns, mas não captam programas locais, porque as antenas parabólicas sintonizam transmissão de outros estados do Brasil, quando o fazem. E se a internet, também via rádio, é ainda bastante rara, exceto nas pousadas que já começam a implantar antenas, ou se o recado via piloteiros ou embarcações demora horas ou dias a chegar, é fácil evidenciar a importância do rádio no Pantanal, sintonizado em qualquer aparelho de celular ou movido a pilhas e baterias.

[...] a característica principal do veículo continua sendo a da proximidade com a comunidade local. Se a televisão aberta tomou para si o papel que a Rádio Nacional desempenhava, se a globalização e a tecnologia trazem cada vez mais as informações mundiais, cabe justamente ao rádio, devido às suas características inerentes, promover as informações locais [...] (HAUSSEN, 2004, p.61).

Diante disso, o uso deste veículo como estratégia de comunicação e a produção de peças radiofônicas amplificam as possibilidades para o Instituto SOS Pantanal divulgar as boas práticas¹² identificadas pela Expedição Pantanal 2011. Dessa forma, a disseminação das informações de utilidade pública e de cunho ambiental pode ser feita por meio da transmissão via radioemissoras comerciais, educativas e comunitárias, que incentivam a replicação ou adaptação de ideias sustentáveis criadas e desenvolvidas pelas pessoas, grupos ou instituições da própria região.

Quando uma rádio promove a participação dos cidadãos e os mesmos definem seus interesses; quando responde aos gostos da maioria e faz do bom humor e a esperança sua primeira proposta; quando informa verazmente, quando ajuda a resolver os mil e um problemas da vida cotidiana; quando em seus programas debatem todas as ideias e respeitam todas as opiniões; quando se estimula a diversidade cultural e não a homogeneização mercantil; quando a mulher é protagonista da comunicação e não uma simples voz decorativa ou um anúncio publicitário; quando não se tolera nenhuma ditadura, nem se quer a imposição musical; quando a palavra de todos é pronunciada sem discriminação e sem censuras, essa é uma rádio comunitária [...] (LÓPES VIGIL, 2003, p. 506).

¹² As boas práticas divulgadas pelo Prosa Pantaneira são aquelas identificadas durante a Expedição Pantanal, conforme metodologia já descrita.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Surgiu então o Prosa Pantaneira, projeto que demandou da equipe do Instituto SOS Pantanal, durante os meses de janeiro e fevereiro de 2013, um mapeamento das principais radioemissoras da Bacia do Alto Paraguai (BAP), nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Os veículos foram contatados por telefone e e-mail, e seus representantes comerciais ou diretores, entrevistados. Um questionário simples foi aplicado, a fim de identificar e cadastrar emissoras com interesse em receber conteúdos socioambientais, especificamente divulgando boas práticas do Pantanal.

O levantamento identificou 88 rádios (Gráfico 1) na Bacia do Alto Paraguai (BAP), nos dois referidos estados. Após os contatos, 40 emissoras (45,45%) solicitaram o envio das edições do programa Prosa Pantaneira. Do total de rádios mapeadas, dez ainda estão analisando a possibilidade de transmitir o programa e as 38 emissoras restantes não foram cadastradas para receber o Prosa Pantaneira por dois motivos: ou porque são estritamente comerciais e, por isso não disponibilizaram espaço para a difusão de conteúdos socioambientais (a não ser que sejam pagos), ou ainda porque os números telefônicos e endereços não mais existem, ou as empresas fecharam.

No estado de Mato Grosso, as primeiras quatro edições de Prosa Pantaneira foram enviadas em maio de 2013 para rádios de 12 municípios da região da BAP: Mirassol do Oeste, Denise, Campo Verde, Cáceres, Barra do Bugres, Várzea Grande, Pontes e Lacerda, Nobres, Cuiabá, Diamantino, Tangará da Serra, Rosário Oeste. Já em Mato Grosso do Sul, o Prosa Pantaneira chega para 18 municípios: Coxim, Campo Grande, Rio Verde de Mato Grosso, Camapuã, Sonora, Aquidauana, Porto Murtinho, Guia Lopes da Laguna, Bonito, Corguinho, Miranda, Ribas do Rio Pardo, Jardim, Sidrolândia, Bela Vista, Bodoquena e Corumbá.

Em Cuiabá, capital de Mato Grosso, a agência de mídias para rádios MT Via Rádio, que distribui conteúdos de áudio para a programação de 150 emissoras de rádio, disponibilizará o Prosa Pantaneira. Já em Mato Grosso do Sul, a Blink 102 FM, uma emissora voltada ao público jovem de Campo Grande, capital do Estado, firmou parceria com o Instituto SOS Pantanal para veicular *spots* de 30 segundos durante sua programação. A Blink 102 está entre as líderes de audiência na capital. Outras 10 radioemissoras estão analisando as primeiras edições para decidir se divulgarão os conteúdos.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enja.com.br>

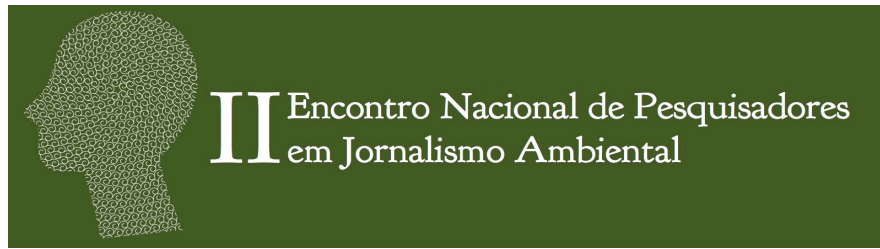
Para atrair e estimular o uso dos programas livremente pelos veículos, o Prosa Pantaneira assume formato não comercial, não lucrativo, porém de cunho educativo e de utilidade pública. Cada edição aborda uma boa prática identificada pela Expedição Pantanal 2011 por meio de entrevistas, *spots*¹³ e peças informativas.

Na seção *Dedo de Prosa*, com duração de dois minutos e trinta segundos, um entrevistado fala sobre a boa prática abordada na edição. Para criar o ambiente de proximidade com os habitantes do Pantanal foi criada a seção *Fala Vizinho*, com até sessenta segundos, que traz dicas e informações de utilidade pública relacionadas com a boa prática, geralmente narradas pelos pantaneiros ou roteirizada em forma de mini radionovela. Outros dois *spots*, um com sessenta segundos e outro com trinta segundos de duração compõem cada programa, trazendo em formato narrativo ou em histórias interpretadas informações específicas sobre as práticas sustentáveis do Pantanal.

Os temas dos programas do primeiro encarte, já enviado às emissoras de rádio, divulgam as seguintes boas práticas do Pantanal:

- a) O reaproveitamento de materiais, que contribui com a conservação ambiental, reduz custos e estimula a criatividade e a autonomia tecnológica.
- b) O fornecimento de carne como um benefício aos funcionários e suas famílias, que é um costume antigo nas fazendas no Pantanal.
- c) O manejo sustentável do jacaré-do-pantanal estimula a conservação da espécie, gera emprego e renda para os pantaneiros.
- d) As escolas pantaneiras representam um modelo diferente de educação que permite o acesso à educação formal em áreas remotas e também respeita o ciclo da natureza.
- e) A certificação da pecuária orgânica é uma alternativa para valorizar a arroba e gerar qualidade de vida.

¹³ *Spot* é uma produção de áudio, muitas vezes utilizada como peça publicitária em emissoras de rádio, para transmitir uma informação mais completa. Informação disponível em: <<http://radialist.as/profiles/blogs/o-que-e-um-spot#.Ucee2udwqSo>> Acesos em 03/06/2013.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

f) A reciclagem do couro do peixe garante renda às mulheres pantaneiras e proteção à natureza.

g) A fossa séptica biodigestora é um sistema de tratamento de esgoto barato e eficiente para residências rurais, onde não existe o sistema convencional.

h) O modo de ser e de viver do pantaneiro agrega valor ao turismo rural e ao ecoturismo.

Para a gravação de entrevistas em estúdio e dos roteiros do programa, o Instituto SOS Pantanal mantém parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com apoio do Laboratório de Rádio do curso de Jornalismo, que disponibiliza estúdio, equipamentos e técnico de áudio. Para a produção, edição e locução, foram contratados dois jornalistas profissionais diplomados.

Em maio, as primeiras quatro edições com cinco minutos de duração cada uma chegaram às emissoras. Um levantamento preliminar está em execução e já indica que os veículos estão divulgando as informações, utilizando o programa para enriquecer a programação, resultando no impacto positivo esperado, como pode ser visto em alguns exemplos:

a) Guaicurus FM (Comunitária de Porto Murtinho - MS): Estão veiculando o programa completo e comentam as informações do Prosa Pantaneira. Há informações de que investidores como o Sindicato Rural e a prefeitura municipal da cidade desejam divulgar suas boas práticas por meio da rádio.

b) FM Vitória (Comunitária e a única rádio de Corguinho - MS): Estão transmitindo o programa completo, pois segundo os radialistas foi bem aceito pela população, principalmente por conta do humor, presente nas produções radiofônicas.

c) FM Lago Azul (Comunitária e líder de audiência em Bonito - MS): O programa está sendo divulgado integralmente, bem como estão sendo transmitidos os *spots* de 60 segundos, diariamente entre 9h e 9h30min. Por meio do contato com os diretores da emissora, foi possível saber que um espaço foi aberto para debate dos temas do Prosa Pantaneira e que os ouvintes manifestaram interesse em também divulgar as boas práticas deles pelas ondas da rádio.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

d) Difusora de Aquidauana (Comercial de Aquidauana - MS): A emissora está veiculando o programa completo toda sexta-feira, às 16h. Segundo a direção da rádio, a repercussão foi positiva e superou expectativas de tal forma que os ouvintes chegaram a solicitar aos radialistas um programa mais longo, com reprises em outros dias da semana.

e) Rádio Imaculada Conceição (educativa católica, de Campo Grande – MS, com alcance em todo o Mato Grosso do Sul). O Prosa Pantaneira já faz parte da grade de programação da rádio que o veicula em programa voltado ao produtor rural, semanalmente, às 12h.

f) FM Comunitária Serra da Bodoquena (Comunitária, de Bodoquena – MS). A emissora está veiculando o Prosa Pantaneira de forma integral, às terças e quintas-feiras, das 11h30-12h30. A radialista Ludmila Escobar informou que a repercussão do público é positiva, pois em pouco tempo de veiculação, os ouvintes têm participado ativamente, telefonando para a rádio e comentando sobre o programa, não só pelo tom de humor, mas também porque identificam as boas práticas, muitas vezes já adotadas em suas propriedades. A radialista informou que o Prosa Pantaneira supre a demanda de informações sobre meio ambiente e sustentabilidade, uma vez que a emissora não possui nenhum tipo de projeto do gênero.

A série de programas radiofônicos, enviada para as emissoras de rádio, também passou a ser transmitida nas lojas da Rede Comper de Supermercados. A empresa está transmitindo desde o início do mês de maio, *spots* de 30 segundos em todos os estabelecimentos de Campo Grande (MS).

Em dezembro de 2013, o Prosa Pantaneira finalizará sua primeira fase e realizará avaliação com as radioemissoras e seus públicos-alvo. Em 2014, uma nova fase do programa dará continuidade à iniciativa, assim como será realizada uma segunda edição da Expedição Pantanal.

Além do envio pelos Correios, o projeto Prosa Pantaneira será em breve disponibilizado no site do Instituto SOS Pantanal (www.sospantanal.org.br) para que as boas práticas também sejam difundidas por emissoras de outras localidades do Brasil.





29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Gráfico 1 – Visão geral das rádios na Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai e suas intenções de receber o programa Prosa Pantaneira. Fonte: Elaboração nossa.

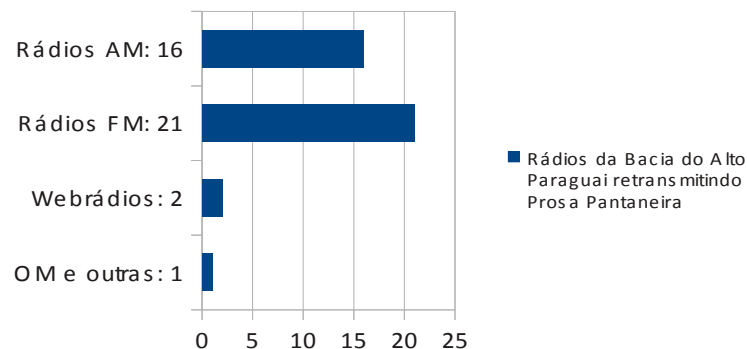
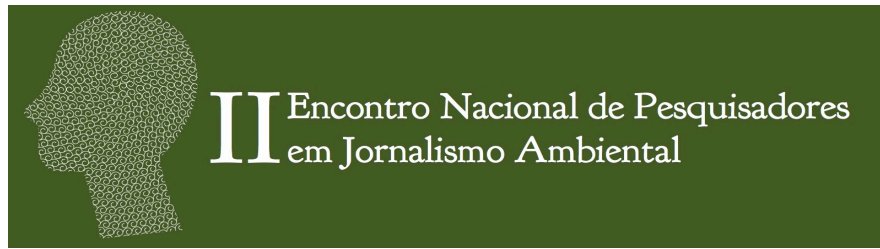


Gráfico 2 - Comparação das rádios cadastradas para receber o Prosa Pantaneira em termos de frequência. Fonte: Elaboração nossa.

Além de um produto, um serviço de Comunicação Ambiental

A série de programas radiofônicos, intitulada Prosa Pantaneira, além de cumprir seu papel educativo enquanto disseminadora de conhecimentos e informações úteis ao povo do Pantanal, configura-se também como um produto da Comunicação Ambiental, que na visão de Robert Cox (2010) não se restringe ao uso de palavras, mas engloba toda forma de linguagem e de ação simbólica¹⁴.

¹⁴ O autor enfatiza que a Comunicação Ambiental inclui não só as palavras, mas também leva em conta toda manifestação norteada pela Comunicação Humana, nesse sentido, as crenças, os comportamentos, as atitudes, etc.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Compreende-se, a priori, linguagem como:

[...] aquilo através do qual se generaliza e se transmite a experiência da prática histórica da humanidade, por consequência, é igualmente um meio de comunicação, a condição de apropriação pelos indivíduos dessa experiência e a forma de sua existência na consciência (LEONTIEV, 1978, p. 172).

Se é por meio da linguagem que se transmite a experiência das tradições ao longo do tempo, torna-se, especialmente urgente, lidar com as questões ambientais. Nesse sentido, a Comunicação Ambiental analisa como nos comunicamos sobre o meio ambiente e quais as consequências dessa comunicação, principalmente no que diz respeito à percepção que as pessoas têm do meio ambiente.

Para o autor, a Comunicação Ambiental é vista como:

[...] veículo pragmático e constitutivo para a nossa compreensão do meio ambiente e as relações com a natureza; é o instrumento simbólico que usamos para construir os problemas ambientais e discutir as diferentes respostas da sociedade a eles (COX, 2010, p.13).

Dessa definição, saltam duas características importantes: a Comunicação Ambiental é constitutiva e pragmática. Constitutiva, pois é por meio dela que a sociedade constrói uma imagem do meio ambiente e passa a valorar a natureza; pragmática porque tem a função de alertar, persuadir, mobilizar e educar.

E é com esse propósito que o Prosa Pantaneira está sendo produzido, o de levar informação de utilidade pública aos pantaneiros, alertar, mobilizar e promover a educação ambiental no que concerne à conservação do bioma, por meio de atitudes, muitas vezes simples e com baixo custo ou, ainda que requerem apenas uma mudança de atitude.

Em relação aos debates ambientais, é notória a manifestação de diversas vozes. Cox (2010) acredita que é preciso considerar essa diversidade de atores sociais: cidadão comum, comunidade, grupos ambientais, cientistas, corporações, instituições públicas, grupos anti-ambientalistas, mídia, etc.. O autor afirma que todos possuem um papel relevante nesse debate, mas destaca que uma das vozes mais importantes é a dos cidadãos e das comunidades, que possuem o poder de mobilização na sociedade e que por isso representam uma das formas mais efetivas de mudança. Outro forte



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

grupo na mobilização, elencado pelo autor, são as organizações ambientais, que buscam conscientizar pessoas, empresas e Governo do papel de todos na conservação dos recursos naturais.

Nesse contexto, os programas radiofônicos, produzidos pela equipe do Instituto SOS Pantanal, buscam levar ao pantaneiro informações que já foram úteis a um vizinho ou a outra pessoa que conhece de perto os problemas e limitações vividos por eles e, assim, permitem que tais ações possam ser replicadas e cada vez mais beneficiar outros moradores do bioma.

Para exemplificar: Em um dos programas, cujo tema era Reaproveitamento de materiais, a ideia era falar sobre a reciclagem do couro do peixe, técnica muito utilizada em comunidades de pescadores, no Pantanal, pelas mulheres artesãs. A entrevistada na seção *Dedo de Prosa* foi a presidente da Associação Amor Peixe, que entende a realidade do pantaneiro, pois também vive no mesmo ambiente. Com muita criatividade e garra, ela e as outras mulheres que fazem parte da associação conseguiram superar os entraves diários da vida no Pantanal, e hoje, são um exemplo de desenvolvimento sustentável, pois mudaram a realidade de muitas donas de casa da região e exportam para o Brasil e o mundo os produtos que fabricam.

Da mesma maneira, são ouvidos profissionais, especialistas em Agricultura, Pecuária, Sustentabilidade, Turismo, etc., pois nesse debate ambiental, há muitos envolvidos, cada um tem seu valor e importância na socialização e disseminação dos saberes e informações. Como o intuito da Expedição Pantanal 2011 foi compreender como os habitantes do Pantanal têm criado estratégias para ter qualidade de vida, gerar renda, emprego e ainda conservar o bioma, o projeto Prosa Pantaneira visa, por sua vez, transmitir, divulgar, ao maior número de pessoas possíveis, tais iniciativas sustentáveis, saberes ou conhecimentos dos povos do Pantanal que deram certo e que podem ser replicados, a fim de que todos tenham melhor qualidade de vida e que a natureza do local seja sempre conservada para as futuras gerações.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Conclusões

A necessidade de se divulgar práticas que contribuíram para a manutenção da vegetação nativa do Pantanal conservada, mesmo após milhares de anos de ocupação, motivou o Instituto SOS Pantanal a utilizar o rádio como uma das estratégias de comunicação, criando o programa Prosa Pantaneira.

Os valores que se manifestam na cultura e no modo de ser e de viver das populações do Pantanal refletem, no caso de iniciativas ou saberes sustentáveis, a capacidade que tiveram de interpretar o inóspito ambiente para gerar desenvolvimento e qualidade de vida. Refletem um padrão não destrutivo da natureza, raro e pouco conhecido.

São notáveis os resultados no incremento de qualidade de vida, produtividade, ou nas transformações sociais e ambientais que as boas práticas identificadas pela Expedição Pantanal puderam registrar. Por exemplo, se na cheia não é possível chegar à escola ou voltar para casa, então os pantaneiros preferiram criar um modelo diferente de educação. Na cheia dos rios, as crianças moram em regime de internato nas escolas de fazendas maiores, e os professores viram também pais, mães, recreadores, enfermeiros, psicólogos até os rios começarem a baixar, então é hora de férias para os estudantes. Esta forma de se adaptar ao ambiente reduziu a evasão escolar, a separação das famílias, porque antes as crianças precisavam se mudar para as cidades com as mães para ter escola, e fortaleceu as relações das comunidades.

Do mesmo modo, o acesso que torna difícil e limita as viagens aos centros urbanos, pois restringe as formas de locomoção, fez aumentar inteligência e a criatividade dos pantaneiros, que aprenderam a usar recursos locais racionalmente, sem desperdício, para construir suas casas, curar doenças, alimentar-se ou para viver a vida. Na cheia ou na seca, cada boa prática demonstra como melhor aproveitar o Pantanal mantendo-o conservado.

Vários destes exemplos não são derivados apenas dos saberes da interpretação da natureza, mas foram acrescidos de influências de novas tecnologias, culturas e novos conhecimentos, evidenciando seu valor a ser observado, registrado e conhecido.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Na produção e difusão de informações radiofônicas, o projeto utiliza a comunicação e linguagem próprias do povo pantaneiro, que por motivos diversos da modernidade vêm sendo esquecidas ou perdidas. Nesse contexto, o Prosa Pantaneira se torna mais do que um produto da comunicação ambiental: ao dar vozes a comunidade, aos nativos do Pantanal, o projeto se torna um serviço, um instrumento útil na preservação da tradição, dos costumes, da cultura e também na conservação do meio ambiente em que se vive. E o rádio proporciona tudo isso, amplifica essa comunicação, faz chegar a todos essa divulgação de informações positivas, que visam não só informar, mas também educar, colaborar com a qualidade de vida dos moradores dessa região e, assim, oportunizar que as futuras gerações possam usufruir de todos os benefícios que as populações desfrutam hoje.

Referências

BIANCO, Nelia R. Del. **E tudo vai mudar quando o Digital chegar**. BARBOSA FILHO, André, PIOVESAN, Ângelo e BENETON, Rosana (orgs). Rádio, sintonia do futuro. São Paulo: Paulinas, 2004.

CASTELNOU, A.; FLORIANI, D.; VARGAS, I. A. de; DIAS, J. B. **Sustentabilidade socioambiental no Pantanal Mato-grossense e seu espaço vernáculo como referência**. In: **Desenvolvimento e Meio Ambiente: Diálogo de saberes e percepção ambiental**. Curitiba, PR: Editora da UFPR, n. 7, p. 43-70, 2003. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/mad/article/viewFile/3043/2434>> Acesso em: 20/05/13.

CMMAD – COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Relatório Brundtland. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

COX, Robert. **Social/symbolic constructions of “environment”**. In: COX, R. Environmental communication and the public sphere. 2nd. Ed. London: Sage, 2010.

HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração**. In: FILHO, André Barbosa; PIOVESAN, Angelo; BENETON, Rosana (orgs). Rádio: Sintonia do Futuro. São Paulo: Paulinas, 2004.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978. Página: 261-284.

LÓPEZ VIGIL, José Ignacio. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **Pantanal** – homem e cultura. Campo Grande: UFMS, 2002.